

Administração joga com Deus e o diabo

Gilberto Alves



Sem áreas de lazer e muitas vezes tendo que sustentar a família, menores são o maior problema que Ceilândia enfrenta

MARCOS AGE DE SOUZA
Da editoria de cidade

Admitir a ilegalidade da circulação e validade dos serviços prestados pelas Kombi pode parecer estranho, em se tratando de fontes da Administração da cidade. Na Ceilândia, entretanto, atitudes como essa são compreensíveis, embora peculiares, como igualmente peculiares são também os fatos que compõem a breve história da mais recente satélite do DF. Em seus 12 anos, a Ceilândia consolidou indesejáveis características, como a de dotar um dos mais altos índices de natalidade do mundo - 6,2% ao ano -, superior, inclusive, à Índia, que há dois anos registrou uma taxa de 5,8.

Somando-se a esse dado indicativo de que a média de crescimento provocada pela imigração tem ficado em 30 por cento com piques observados a partir de 1979, quando passou de 185 para 320 mil habitantes - fica mais fácil entender que, para uma cidade peculiar, na mais adequada do que uma administração que atenda a essa característica. E o que vem procurando fazer a administradora Maria de Lourdes Abadia Bastos, no cargo desde a chegada dos primeiros migrantes, em 1971, quando deixaram as favelas montadas em volta do Núcleo Bandeirante para se instalar no novo espaço aberto pelo Governo.

Ela relaciona-se ao mesmo tempo com as autoridades do Governo e com quem pode se considerar "elementos perigosos" e defende que essa é a única forma de realizar plenamente alguma coisa pela cidade. "Cardoso" - ninguém sabe seu nome completo, ou pelo menos não revelam é seguramente o personagem mais popular e querido da cidade. Há 10 anos na Ceilândia, ele já construiu desde creches para crianças, igrejas e escolas até residências para famílias mais desamparadas, com seus próprios recursos, provenientes da arrecadação do Jogo do Bicho, que comanda. A cidade inteira sabe da existência da **Loteria Ruby**, mas todos fingem acreditar que a fortuna de "Cardoso" se deve aos bons resultados de seus negócios imobiliários e de uma mina de ouro que ele afirma possuir. A administradora conhece o caso, mas admite que é infrutífera qualquer iniciativa para acabar com o jogo, que não defende, embora reconheça que ele faça parte dos hábitos da comunidade. "No meu entender nosso trabalho é que deve se integrar à comunidade e não podemos forçar a integração da comunidade a qualquer trabalho que pretendemos desenvolver", explica.

Na sua posição ela precisa de muita habilidade para resolver os problemas da cidade. "Se você comparar o nível de vida que a população mantinha antes de vir para cá vai observar uma elevação considerável", afirma, lembrando que grande parte do que foi realizado se deve também a colaboração da comunidade integrada por todos, independente dos antecedentes que muitos apresentam.

A Ceilândia hoje conta com 66 escolas e 3 complexo educacionais, distribuídos inclusive entre os Setores O e P e a Guarirôba, três núcleos habitacionais mais recentes construídos pela SHIS, através de programas de casas populares; telefones - a grande maioria comercial -, 9 centros de saúde, 1 hospital, 1 laboratório e um comércio razoável. O funcionamento desses setores, entretanto, foi naturalmente adaptado à realidade da cidade, extremamente carente na área de Segurança Pública.

As escolas, por exemplo, além de muros altos não têm o horário noturno e o Mobral, criado em todo o país para funcionar à noite, visando aproveitar pessoas impossibilitadas de assistirem aulas durante o dia, na Ceilândia começa às 15 horas e termina às 20. "E preciso ter um santo forte para sair à rua a partir desse horário", afirma Eurípedes Camargo, da Associação Religiosa Pró-Gente, entidade que se presta a orientar mães sobre a formação dos filhos e a alfabetização de crianças de até 8 anos.

A escola onde funciona o Mobral foi construída pelos próprios moradores, em mutirão. Três famosos bandidos que atuavam na área em que está erguida, na QNM 5/7, uma das mais violentas da cidade, colaboraram com a obra, recrutando

do pessoal para o trabalho. "Devo admitir que realmente esse trabalho só se concluiu graças a eles", afirma Maria de Lourdes. Os três, no entanto, meses depois, seriam metralhados pela polícia, exatamente em frente a escola.

Ainda na área de Educação, a cidade carece de professores, porque esses nunca permanecem durante muito tempo, temendo a falta de segurança que os policiais da 15ª DP e da 2ª Cia de Polícia não conseguem resolver, sobretudo nas áreas mais críticas, como as QNN 21, 23, 27, QNM 5, 7 e parte do Setor P, onde está o "caldeirão do diabo". Essas, entre muitas outras, são áreas "controladas". A polícia não aparece porque nelas existem polícias especiais formadas por bandidos, ou pelo defensores credenciados pela própria população. Há os bares "protegidos", que funcionam até mais tarde, com suas portas abertas. Os demais, recebem os fregueses, após às 20 horas, pelos fundos. Nas sextas-feiras, entretanto, todos se mantêm abertos até mais tarde, porque os ricos se concentram na paradas de coletivos e proximidades, onde desembarcam os operários da construção civil com seus vencimentos semanais. Uma dessas paradas, na QNN 21, é chamada de "ponto maldito". Duas cruzes plantadas em sua volta lembram os assassinatos, ocorridos em diferentes datas, de dois trabalhadores que resolveram reagir a um assalto à noite.

José Camargo jamais ouviu falar em Marshal MacLuhan, mas o estudioso da Comunicação definiria um episódio que o mineiro residente na QNN 23 viveu, há duas semanas, como exemplo de sua tese de que "quando o homem não tem a quem recorrer, ele passa a agir como soberano sobre seus atos". Cardoso retornava à noite do trabalho, numa banca de revistas na Asa Norte de Brasília, quando deparou-se com sua casa vazia. Havia arrombado a porta e levado tudo. O ladrão, entretanto, esqueceu no local um punhal improvisado com restos de material utilizado em serralherias. Ele acompanhou a pista, identificou o suspeito e foi à polícia, onde contou o caso. Como resposta do policial recebeu a sugestão: "traga o homem aqui que a gente prende ele".

Vi que não havia outra saída - lembra Camargo, revelando, que, depois disso, foi à casa do ladrão e pediu seus pertences de volta, ameaçando providências "pessoais". Resolveu o problema mas ainda pede alguns cruzeiros que o ladrão já havia gastado. "Hoje, quando encontro o tal sujeito nas ruas, nos cumprimentamos como se nada tivesse ocorrido", acrescenta, garantindo que não teme represálias porque "isso já é comum por aqui".

De fato parece existir uma lei natural que permite a convivência, até harmoniosa de cidadãos de bem e marginais na Ceilândia. José Hermírio funcionário de uma loja de disco em Brasília, revela que já escapou de vários assaltos porque no último instante os bandidos o reconhecem como filho de "Seu Nô", uma figura respeitada na cidade porque durante muito tempo coordenou intercâmbios entre moradores para construção de casas. Segundo Hermírio, "Seu Nô" faleceu há dois anos mais depois disso muitas casas foram construídas através da colaboração mútua de pedreiros, bombeiros, eletricitas, pintores, serralheiros e marceneiros, uma mão-de-obra abundante na satélite.

A iniciativa conta, inclusive, com o apoio da Administração, que passou a fornecer gratuitamente projetos de construção elaborados por engenheiros capacitados para os moradores interessados em levantar sua casa através do intercâmbio. "Ao lado desse espectro de terror criado na cidade, há também um espírito de solidariedade muito grande entre os habitantes", afirma a administradora Maria de Lourdes, que também atribui a isso o alto índice de imigração observado na Ceilândia. No Setor de Cadastros da Administração, uma média de 30 pedidos diários de licenciamento para construção indicam que a satélite continua crescendo. Maria de Lourdes não sabe o que será da cidade daqui há 10 anos, quando 70 por cento da população de crianças estiver em fase adulta e sem trabalho. "Só Deus sabe", resume ela.

Francisco Gualberto Arquivo CB



Maria de Lourdes